

URSS: Mito, utopia e história

Fomos à terra a que nos enviaste; e verdadeiramente mana leite e mel; este é o fruto dela.

Números, 13, v. 27.

Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.

Êxodo, 3, v. 5.

Jorge Ferreira*

A construção do socialismo

Nas imediações do Kremlin, em meados dos anos 30, foi construído o Palácio dos Sovietes. Superando em altura o mais alto edifício até então conhecido, o *Empire State Building*, a obra, imponente, poderia ser vista a 70 quilômetros de distância. Em seu interior, o maior compartimento, com capacidade para 21 mil pessoas, teria 100 metros de largura por 140 de comprimento. Vários outros, revestidos em mármore, também capazes de receber milhares de visitantes, completariam o palácio. Um circuito interno de televisão permitiria que os eventos fossem transmitidos aos lares soviéticos que possuíssem um aparelho de TV. A grandiosidade do prédio, cuja construção teria sido supervisionada pelo próprio Stalin, tinha por objetivo homenagear Lenin. A estátua do fundador do Estado soviético, alojada no alto do palácio, seria feita de uma liga especial - níquel e cobre - e somente o dedo indicador teria quatro metros. Seu peso, três vezes maior que o da Estátua da Liberdade, tornaria a escultura uma “obra-prima” da história da arte, incomparável com qualquer outra manifestação artística - clássica ou moderna.

A descrição do Palácio dos Sovietes, datilografada em papel vegetal por medida de segurança, foi encontrada por policiais no quarto de um militante comunista, no Rio de Janeiro, em 1940.¹ O autor do texto, ao narrar a imponência

* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Este artigo, com algumas alterações, é o resultado do capítulo 7 de minha tese de doutoramento, *Prisioneiros do mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*, defendida no Departamento de História da USP. Como parte de um trabalho maior, procuro interpretar a questão a partir de um certo ângulo, sem a pretensão de esgotar o assunto. Aos professores e, sobretudo, amigos Maria Helena Rolim Capelato e Daniel Aarão Reis Filho, reafirmo os meus agradecimentos.

¹ Arquivo Nacional. Tribunal de Segurança Nacional. "A construção do Palácio dos Sovietes".

do prédio, sugere, também, a grandiosidade da sociedade que o construiu. Em um mundo conturbado por uma crise econômica sem precedentes, pela disseminação de regimes autoritários e pelos flagelos da fome, das doenças e do desemprego que massacravam os trabalhadores, a União Soviética surgia como o lugar privilegiado, sonho de todos aqueles que pretendiam construir uma nova humanidade. Outros povos, insinua o autor, poderiam fazer o mesmo.

Se interpretarmos o mito como a narrativa de um evento que *realmente* aconteceu,² entendemos porque as eloqüentes descrições sobre a construção do socialismo na União Soviética somente tomaram força no início dos anos 30. A partir de 1918, a Rússia conheceu grandes sofrimentos, muitos deles verdadeiramente dramáticos. A dura experiência da guerra civil, de 1918 a 1920, despovoou cidades, devastou campos e causou a morte de milhões de pessoas. Para suprir o abastecimento das cidades e dos soldados, o governo, com a política do "comunismo de guerra", requisitava alimentos produzidos pelos camponeses, o que não tardou em se transformar em pura pilhagem. O conflito tornou a situação dos bolchevistas tão crítica que Lenin declarou várias vezes, em fins de 1918 e início de 1919, que somente a revolução no Ocidente poderia garantir o poder soviético na Rússia.³

Mesmo vitorioso na guerra civil, o governo revolucionário passou a dirigir um país arruinado, isolado e faminto. Em comparação com os dados de 1913, a produção industrial diminuiu dez vezes e a agricultura foi reduzida à metade em 1919. Transportes desorganizados, desabastecimento, desemprego e inflação descontrolada do rublo completavam o quadro. Os camponeses, ressentidos com o governo, organizavam rebeliões. Os operários industriais, base social do novo regime, encontravam-se desfalcados com a morte dos mais idealistas durante a guerra, desempregados com a crise econômica ou trabalhando nas poucas indústrias que ainda funcionavam em troca de produtos que, mais tarde, seriam negociados por alimentos nos escassos mercados abertos. Para Isaac Deutscher, a ilusão do governo bolchevista durante o período do "comunismo de guerra" foi a de pedir ao povo que suportasse tamanhos sacrifícios - mesmo após o término da guerra civil - e chamar isso de socialismo, de civilização superior. Desse modo, diz o autor, "se o mecanismo da democracia soviética tivesse tido permissão para funcionar, se os Soviets tivessem sido eleitos livremente e tivessem tido liberdade de eleger o governo, é quase certo que teriam derrotado os bolchevistas e recolocado no poder os mesmos partidos que desprezavam anteriormente".⁴

² Entendo o mito como sinônimo de modelo exemplar, assim como define Mircea Eliade. Não se trata de uma "ficção" ou uma "ilusão", mas, sim, do que etnólogos e historiadores das religiões definem como tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar. Fenômeno humano, cultural por definição, o mito fornece parâmetros para a conduta dos homens, conferindo significação e valor à existência, e conta uma história sagrada, relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, no tempo auroral. "É sempre, portanto, a narrativa de uma 'criação'", diz o autor: "ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente". Evidentemente que se trata de realidades sagradas, mas, para aquele que vive o mito, o sagrado é o *real* por excelência. Mircea Eliade. *Mito e realidade*. SP, Perspectiva, 1972, p. 11.

³ Roi Medvedev. "O socialismo num só país". In Eric Hobsbawm (org.). *História do marxismo*. RJ, Paz e Terra, 1986, vol. 7, p. 52. Veja também Daniel Aarão Reis Filho. *Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético*. SP, Editora da Fundação Perseu Abramo, 1997.

⁴ Isaac Deutscher. *Stalin. A história de uma tirania*. RJ, Civilização Brasileira, 1970, pp. 196 e 201.

No Brasil, as notícias que chegavam eram confusas e desencontradas. Os militantes do PCB, reduzidos em número, mas aguerridos, encaravam com desconfiança e descrença as informações jornalísticas desfavoráveis à União Soviética.⁵ Na década de 20, os revolucionários brasileiros estavam inteiramente seduzidos pelo impacto dos acontecimentos que permitiram a fundação do primeiro Estado proletário no mundo e pela perspectiva, otimista, da mesma revolução em nível planetário. Para Aldo Agosti, a dimensão internacional da revolução garantia a homogeneidade e a coerência do movimento comunista. O internacionalismo impunha as tarefas, verdadeiramente grandiosas, de articular a revolução nos países avançados com as dos países coloniais e, ao mesmo tempo, garantir a defesa do regime soviético.⁶ Assim, entre os militantes da Seção Brasileira da Internacional Comunista dominava o imaginário da revolução, soviética e mundial. Eram as imagens grandiosas dos objetivos que seriam alcançados em futuro próximo, como a salvação da humanidade das guerras e a implantação da República Soviética Internacional, que mobilizavam energias e motivavam comportamentos. Não se tratava, naquele momento, da implantação do socialismo na Rússia. Até o fim dos anos 20, portanto, as conquistas políticas da Revolução Soviética é que eram exaltadas, pois sabia-se, mesmo vagamente, das enormes dificuldades sociais e, sobretudo, econômicas vividas no país dos soviets.

No início da década de 1930, contudo, uma mudança substancial operou-se no imaginário dos militantes brasileiros. Jornais comunistas, livros de divulgação e panfletos alardeavam o progresso material na União Soviética.⁷ Agora necessitava-se demonstrar para os trabalhadores brasileiros que um mundo melhor poderia ser construído. Cláudio Edmundo, em 1933, conta-nos que, ao chegar à Rússia,

comecei assim a viver num mundo completamente novo para mim. (...) O primeiro contacto é violento. (...) Que diferença entre o mundo ocidental em vias de decomposição, e este paiz cheio de fé, de raciocínio, disciplinado, higienico (...).⁸

Os números que aludiam ao crescimento econômico, por exemplo, são impressionantes. Juvenal Guanabarrino, escrevendo no mesmo ano, disse que com o plano quinquenal haveria o aumento de 250% na produção de algodão, 350% na de calçados, 500% na de linho, 1.800% na de seda, 5.200% na de açúcar, 5.500% na de óleo, 9.200% na de artigos em conserva etc. Além disso, referiu-se ao restaurante coletivo número 1 de Moscou, que fornecia 15.000 refeições por dia,

⁵ Veja Moniz Bandeira. *O ano vermelho*. A revolução russa e seus reflexos no Brasil. SP, Brasiliense, 1980.

⁶ Aldo Agosti. "O mundo da Terceira Internacional: os 'os estados-maiores'". In Eric Hobsbawm (org.). Op. cit., 1985, vol. 6, p. 102.

⁷ No Brasil, diversos livros foram publicados na primeira metade da década de 1930 sobre a vida econômica, social, política e cultural da União Soviética. Entre eles, citamos Osório César. *Onde o proletariado dirige*. SP, s/editora, 1932; Cláudio Edmundo. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. RJ, Calvino Filho, 1933; Juvenal Guanabarrino. *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*. RJ, Calvino Filho, 1933. Maurício de Medeiros. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regimen soviético*. RJ, Calvino Filho, 1931.

⁸ Cláudio Edmundo. Op. cit., p. 33.

abastecendo 35% da população da capital soviética. A refeição, cientificamente preparada e saborosa, era oferecida aos operários por apenas 10% de seu custo real, pois, segundo o autor, "como são elles que governam, têm preferencia em tudo. Compram qualquer mercadoria por 1/10 dos preços fixados. E, em tudo, são sempre satisfeitos em primeiro lugar".⁹

Na literatura do período, os textos ressaltavam particularmente os aspectos materiais da construção do socialismo na Rússia: surgimento, da noite para o dia, de centenas de cidades e usinas, trabalhos de urbanismo e construção civil, mecanização da indústria e obras suntuosas. Em cada realização, os autores citavam enormes cifras sobre o uso do aço, ferro, asfalto, concreto armado e vidro. Ainda prisioneiros da forte tradição provinda do século passado que associava o progresso social com a riqueza material, os visitantes brasileiros na União Soviética nos anos 30 identificavam socialismo com desenvolvimento econômico. Ou melhor, entendiam o socialismo como o resultado da soma dos soviets com a eletrificação, bem de acordo com a fórmula elaborada por Lenin. Enquanto o Ocidente sofria com a catástrofe econômica iniciada em 1929, o país dos soviets, ileso, tornava-se, na imaginação de muitos, o lugar da utopia realizada:

A vida dos povos da União Soviética é cheia de felicidade e alegria. Os jovens encaram seu futuro brilhante com confiança. (...) Por suas imensas realizações, o povo soviético abre uma nova pagina da história, uma pagina brilhante da vida de toda a humanidade.¹⁰

A virada da década, portanto, coincidiu com mudanças significativas na cultura e no imaginário político dos militantes comunistas brasileiros: antes, a exaltação da Revolução Soviética como modelo para a transformação da humanidade; depois, a admiração incondicional pela URSS. Como explicar tamanha reviravolta que afetou milhões de pessoas durante uma temporalidade relativamente longa?

Após polemizar com seus adversários políticos e derrotá-los, Stalin encontrou o apoio do PCUS, em abril de 1929, para implantar a coletivização do campo e a industrialização acelerada. Aprovou-se, nessa ocasião, o plano quinquenal, o primeiro, em sua versão *ótima*. Em meados desse ano, o Politburo foi tomado por uma febre industrializante e os números previstos para investimentos tornaram-se cada vez maiores. Ao contrário do que pregavam os executores do plano, a industrialização soviética não seguiu um "planejamento racional" com base em um suposto "socialismo científico". Não houve propriamente um plano mas, sim, *vontade* de desenvolver, de investir e de expandir a economia a partir de um comando único e centralizado. O plano quinquenal, assim, foi uma sucessão de avanços e recuos, erros e acertos, formulações e reformulações.

A primeira etapa da "segunda revolução russa" iniciou-se em janeiro de 1930 com a coletivização do campo. A coletivização forçada resultou em uma guerra do Estado contra a população rural. A oposição desesperada dos camponeses serviu

⁹ Juvenal Guanabarro. Op. cit., pp. 147-148.

¹⁰ Arquivo Nacional. Tribunal de Segurança Nacional. "Manifesto da Internacional Comunista no XXII aniversário da victoriosa Revolução Soviética".

como pretexto para Stalin mobilizar milhares de agentes para "liquidar os *kulaks* como classe", segundo suas próprias palavras. Cercados em suas aldeias por tropas armadas com metralhadoras, os camponeses capitularam, não sem antes destruir as ferramentas e matar cavalos, vacas, carneiros e cabras. Calcula-se que 45% do gado foi sacrificado e 70% do rebanho de carneiros e cabras foi dizimado. Como em uma vingança premeditada, eles ameaçaram as cidades com o espectro desesperador da fome. A política stalinista para o campo forçou mais de 100 milhões de pessoas a abandonarem suas terras e a se fixarem nas fazendas coletivas. Outros dez milhões, punidos, foram impedidos de participarem das novas organizações agrícolas. A morte e o degredo em regiões distantes e inóspitas selaram seus destinos.¹¹ Os resultados das arbitrariedades, injustiças, destruições e massacres foram danosos para a economia rural e a do próprio país. Segundo Hobsbawm, a produção de grãos baixou imediatamente e o rebanho bovino foi reduzido à metade. Em 1932 e 1933, o país foi devastado por uma grande fome.¹²

A industrialização acelerada, por sua vez, foi um grande sucesso - apesar dos enormes sacrifícios da população. De acordo com o plano quinquenal, os esforços voltaram-se para a indústria pesada, matérias-primas e fontes de energia, com prioridades para os setores de ferro, aço, carvão e petróleo, construção de grandes unidades metalúrgicas, imensas fábricas de tratores e automóveis, usinas hidrelétricas, ferrovias e canais, além de obras imponentes, como o metrô de Moscou.

Os números do crescimento econômico soviético, de fato, são grandiosos. Entre 1929 e 1932, o setor elétrico cresceu de 5 mil kw para 13,5 mil; a produção de petróleo passou de 11,6 toneladas para 28,5 e o número de tratores aumentou de 27.000 para 148.000. Em apenas uma década, de 1928 a 1938, "a produção de carvão passou de 30 para 133 milhões de toneladas; (...) de aço, de 4 para 18 milhões de toneladas; de automóveis, de 1.400 para 211.000 unidades".¹³ Para financiar a construção de fábricas, redes de eletrificação, imensos canais e barragens, entre outras obras grandiosas, o governo vendia trigo para o Ocidente, mesmo com uma população faminta, e importava equipamentos e técnicos especializados. Embora as metas de produção fossem estabelecidas a partir de critérios fantasiosos e voluntaristas,¹⁴ no final dos anos 30, diz Malia, a União Soviética tinha se transformado em uma economia industrial capaz de produzir aço,

¹¹ Issac Deutscher. Op. cit., pp. 292-293.

¹² Eric Hobsbawm. *Era dos extremos*. O breve século XX. 1914-1991. SP, Companhia das Letras, 1995, p. 373.

¹³ José Paulo Netto. *O que é stalinismo*. SP, Brasiliense/Nova Cultural, 1985, pp. 40 e 83.

¹⁴ "Em 1928 a Rússia produziu apenas três milhões e meio de toneladas de ferro-gusa. Segundo o plano quinquenal, deveria produzir dez milhões de toneladas em fins de 1933. Não contente em abreviar de um ou dois anos o prazo determinado pelo plano, Stalin disse no Décimo Sexto Congresso que 'dez milhões de toneladas de ferro-gusa (...) não são suficientes (...) custe o que custar, devemos produzir dezessete milhões de toneladas em 1932'. (...) Em 1941, quando Hitler atacou a Rússia, a produção russa de ferro-gusa estava apenas aproximando-se da meta que, segundo as ordens de Stalin, já deveria ter sido alcançada dez anos antes". Isaac Deutscher. Op. cit., p. 290.

máquinas, turbinas, petróleo, tratores, tanques de guerra e aviões a partir de seus próprios recursos.¹⁵

Para cumprir as metas do plano quinquenal, o partido impunha aos trabalhadores índices drásticos de produção e prazos exíguos para executá-los. Stakhanov, um operário que ganhou fama por ter, em 31 de agosto de 1935, extraído 102 toneladas de carvão em 5 horas e 45 minutos, serviu de modelo para o regime institucionalizar um novo método de trabalho: o *stakhanovismo*. Mobilizando os trabalhadores e utilizando o recurso da "emulação socialista", o partido lançava desafios de produtividade, tensionando-os e extenuando-os até o limite. Segundo McNeal, as "brigadas de assalto", compostas de operários e estudantes, invadiam os locais de trabalho e, com metáforas militares, exigiam maior produção.¹⁶ A famosa frase de Stalin - "não existem fortalezas que os bolchevistas não possam conquistar" - descreve bem o contexto da industrialização soviética. Para o cumprimento do plano quinquenal, diz Blackburn, "foi preciso recorrer ao stakhanovismo e a uma grosseira mistura de intimidação e suborno, a fim de mobilizar os trabalhadores urbanos".¹⁷

A radical transformação da paisagem soviética permitiu que milhões de pessoas melhorassem seu nível de vida e que outros milhões mergulhassem na degradação. No fim dos anos 30, os resultados da industrialização acelerada eram visíveis. Apesar de ineficiente e onerosa, a capacidade produtiva da indústria russa aproximava-se da alemã. Iniciava-se, assim, a disseminação de um dos mais vigorosos mitos políticos modernos: a construção de um mundo novo, diferente de tudo que a humanidade conheceu. Por mais parcial que fosse a narrativa de uma utopia soviética, ela exprimia uma percepção racionalizada do presente e do futuro da coletividade. É necessário lembrar que, entre 1914 e aproximadamente 1950, o capitalismo parecia dar razão às esquerdas e praticamente tudo dava errado, segundo Eric Hobsbawm. Nesse período a humanidade sofreu os horrores de duas guerras mundiais, conheceu regimes autoritários e fascistas que quase sepultaram a democracia liberal, enquanto o próprio capitalismo agonizava desde o colapso de 1929. Milhões de homens e mulheres morriam nas guerras, por fome ou, desempregados, apenas suportavam, como podiam, a vida. "Qualquer tipo de socialismo", diz o mesmo autor, "tinha que ser melhor que isso."¹⁸ A União Soviética, único país a crescer durante a Grande Depressão, parecia comprovar a superioridade do regime de economia planificada.

A eleição da URSS como o lugar da utopia, portanto, nada tem de fantasioso ou quimérico. "Nada há de mais sério", afirma Bronislaw Baczko, "do que inventar uma representação da sociedade, especialmente uma representação da melhor sociedade possível, isto é, a comunidade da felicidade realizada."¹⁹ Os flagelos econômicos, sociais, políticos e militares vividos pelo Ocidente, por um lado, e o

¹⁵ Martin Malia. *La tragédie soviétique*. Histoire du socialisme en Russie. 1917-1991. Paris, Éditions du Seuil, 1995, p. 264.

¹⁶ Robert Macneal. "As instituições da Rússia de Stalin." In Eric Hobsbawm (org.). Op. cit., vol. 7, p. 247.

¹⁷ Robin Blackburn. "O socialismo após o colapso". In idem (org.). *Depois da queda*. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. SP, Paz e Terra, 1992, p. 139,

¹⁸ Eric Hobsbawm. "Renascendo das cinzas". In idem, p. 257.

¹⁹ Bronislaw Baczko. "Utopia". In *Enciclopédia Einaudi*. Anthropos-Homem, vol. 5. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 344.

desenvolvimento econômico e social da União Soviética, por outro, permitiam a intensificação de imagens, crenças e representações expressas em textos que, frutos de uma determinada realidade social, também moldavam esta mesma realidade. Seja, na linguagem de Thomas Morus, *eu-topos*, região da felicidade e da perfeição, seja *ou-topos*, região que não existe, a URSS tornou-se, para muitos, um modelo, uma referência exemplar.

Com o fim da II Guerra Mundial, as imagens e representações sobre o país dos soviéticos redimensionaram-se. A decisiva contribuição do Exército Vermelho na derrocada da máquina de guerra nazista e o crescimento espetacular do movimento comunista na Europa, Ásia e América Latina desmentiam os argumentos pessimistas dos conservadores e da oposição trotskista. Para Fernando Claudin, a URSS apresentou-se como o esteio máximo de todas as causas progressistas, da independência das nações, da paz mundial. Ainda segundo o autor, "os êxitos reais ou aparentes do comunismo naqueles anos contribuíram, naturalmente, para acreditar na imagem apologética de sua trajetória sob a direção de Stalin".²⁰ A "fortaleza do socialismo", de fato, dera provas de sua invencibilidade.

A partir de 1945, portanto, aumentou em ritmo e intensidade a propaganda que exaltava a vida econômica e social dos soviéticos, seus êxitos e sucessos:

Pela quarta vez este ano, afirmou *Folha do Povo*, as sociedades cooperativas reduziram os preços da carne, aves, manteiga, mel, frutas e outros alimentos. Expandindo-se rapidamente, os grupos consumidores abriram mais de 30.000 novas lojas desde o dia da vitória.²¹

Os números, sempre aos milhares, povoavam o imaginário dos repórteres e as colunas dos vários jornais comunistas. Em 1949, dizia *Voz Operária*, foram construídas 3.500 centrais hidrelétricas e instalados mais de 42.000 motores elétricos nas fazendas coletivas.²² No final desse mesmo ano, teriam sido inauguradas 20.000 salas cinematográficas somente na República Federal da Rússia, sem contar nas outras, em substituição àquelas destruídas na guerra.²³

A propaganda e a exaltação que os comunistas brasileiros faziam do regime soviético, de suas realizações e de sua superioridade sobre o Ocidente capitalista, eram intensas e apaixonadas, permitindo que eles se preocupassem mais com os feitos do país dos soviéticos do que com o debate teórico.²⁴ No entanto, é importante

²⁰ Fernando Claudin. *La crisis del movimiento comunista*. De la Komintern al Kominform. Paris, Ruedo Ibérico, 1970, pp. 248-249.

²¹ *Folha do Povo*. RJ, 7 de novembro de 1948, p. 3.

²² *Voz Operária*. RJ, 14 de janeiro de 1950, p. 7.

²³ *Idem*. 30 de julho de 1949, p. 7.

²⁴ Para Leandro Konder, "na medida em que vieram a conseguir alguma expressão política, os marxistas brasileiros, influenciados por critérios pragmáticos, hostis à especulação filosófica, passaram a se dedicar cada vez menos a discussões especificamente teóricas e passaram a se apoiar, propagandisticamente, nos 'fatos' e 'dados' da realidade soviética, quando eram obrigados a enfrentar debates políticos. Muito mais importante do que defender as idéias de Marx passou a ser justificar a ação de Lenin, continuada por Stalin: a figura palpável da URSS é que travava a luta revolucionária: a burguesia a atacava, cabia aos marxistas defendê-la". *A derrota da*

considerar que, segundo interpretação de Leonardo Boff, o que mobiliza as pessoas não são apenas as idéias formais e eruditas, mas "as utopias, os sonhos, as visões, os exemplos acima de tudo".²⁵ E, no imaginário político dos comunistas brasileiros, na URSS, bem como nas chamadas democracias populares, as utopias de uma sociedade igualitária, justa, democrática e fraterna estavam sendo vividas por milhões de pessoas.

Alegria e fartura são, via de regra, as mais expressivas simbologias referentes ao mundo socialista. No jornal *Imprensa Popular*, em janeiro de 1950, lemos o seguinte:

O Ano Novo foi, para os moscovitas, ocasião de júbilo popular. Há mais de uma semana vinham êles comprando árvores de Natal, com as quais enfeitam todas as casas, todas as lojas, todos os restaurantes. (...) Toda a noite, a grande capital foi cenário de alegre animação, os teatros e restaurantes estavam cheios, mas a maior parte dos habitantes de Moscou festejaram o 'reveillon' entre amigos, em reuniões em que o vodka correu a jôrros, bem como vinhos de toda espécie. O leitão, o leite e a carne, pratos preferidos dos russos, tomaram o lugar do peru tradicional entre os ocidentais. A meia-noite fizeram-se saltar as rolhas de champagne e todos faziam questão de chocar as taças nessa hora solene...²⁶

Elaborava-se, assim, um imaginário político que dava subsídios a uma utopia e, ao mesmo tempo, incitava a uma ação para torná-la possível. Antes de apontar os comunistas brasileiros como simples propagandistas do regime soviético, meros "joguetes" subordinados a interesses exteriores, seria melhor, segundo Daniel Aarão Reis Filho, perceber a importância que os modelos exemplares exerciam sobre eles. "Trata-se", de acordo com o autor, "de sociedades socialistas *construídas*, ou seja, vitrines da utopia realizada. Ou ainda, o sonho de uma sociedade justa, igualitária e democrática é possível, é realizável". Além disso, estas "vitrines possíveis de um amanhã que se conquistará, 'exemplos' de caminhos, referências indispensáveis, os modelos revolucionários desempenharão um papel insubstituível como *fatores de coesão*".²⁷ Os modelos exemplares são importantes, pois incentivam a prática política dos revolucionários, aumentam suas crenças e os impedem de abandonar o partido. Para o militante, reforçava-se a idéia de que o sacrifício não seria inútil.

Espécie de paraíso entre os homens, o paradigma utópico soviético contribuía para responder à grande questão do mundo moderno, que consiste, segundo

dialética. A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta. RJ, Campus, 1988, p. 199.

²⁵ Entrevista publicada no *Jornal do Brasil* em 12 de maio de 1992, p. 5.

²⁶ *Imprensa Popular*. RJ, 3 de janeiro de 1950, p. 6. Os relatos e os números sobre a riqueza e a fartura material na União Soviética, particularmente na década de 50, têm uma credibilidade bastante duvidosa. Lembremos que em 1945, apesar de vitoriosa, a URSS saiu completamente arrasada da guerra. A destruição da infra-estrutura industrial e de centenas de cidades, além da perda de 20 milhões de homens no conflito, desacreditam os dados citados nos jornais.

²⁷ Daniel Aarão Reis Filho. *A revolução faltou ao encontro*. Os comunistas no Brasil. SP, Brasiliense, 1989, pp. 94-95.

Baczko, em pensar a sociedade como auto-instituída, ou seja, como "uma reunião de indivíduos que não assenta em qualquer ordem exterior ao mundo, e constitui uma comunidade detentora de todo o poder sobre si própria".²⁸ Sociedade desprovida de aparatos coercitivos - econômicos, religiosos ou ideológicos -, o país dos soviets surgia transparente e como modelo racionalizado de organização social. Mas nem por isso destituído de representações imaginárias e de sonhos de felicidade realizada. Ao contrário, estes ideais eram reforçados pela crença no gerenciamento científico e racional que o socialismo dizia oferecer. A ciência, a técnica e a racionalização da produção material e da vida social dessacralizavam o mundo, mas, em um mesmo movimento, garantiam a viabilidade do projeto utópico.

Território sacralizado, verdadeira Terra-sem-mal, a utopia soviética tornava-se uma experiência cotidiana para os comunistas brasileiros. Ao relatarem a construção do socialismo na URSS, narrava-se uma "criação" e, de maneira similar a como ocorria nas sociedades antigas, o mito contava algo que *realmente* aconteceu no passado. Realidades sagradas, sem dúvida, mas, nem por isso, menos *verdadeiras*. A maneira como os militantes interpretavam o mito da construção do socialismo implicava em uma reestruturação cultural e em uma tentativa de restaurar inteligibilidade à história. Seguindo algumas idéias sugeridas por Raoul Girardet, o mito político permitia que o militante brasileiro submetesse e dominasse o caos dos acontecimentos de um mundo ameaçador que ele repudiava. Ao negar e mesmo romper com seu meio histórico, a utopia mítica fornecia-lhe uma nova identidade social e elementos para compreender o mundo, reordenando-o sob novas certezas. As imagens utópicas sobre a União Soviética auxiliavam o militante a "tomar pé em um mundo que voltou a ser coerente, que voltou a ser, com efeito, claramente 'legível'".²⁹ Fator de compreensão e adesão, o modelo exemplar também era fator de mobilização, impulsionando seus seguidores a mudar radicalmente o presente, transformá-lo e reorganizá-lo em outras bases.

Seguros e certos da superioridade da organização social que pregavam, os comunistas, por meio da narrativa, reatualizavam e renovavam o mito do mundo perfeito, imprimindo a ele um sentido coletivo e legitimando-o no grupo. O mito tornava-se uma força reguladora na vida partidária, como também de controle e coesão. Para os comunistas, era difícil duvidar de informações como a da reforma do rublo, em 1947, que pôs fim ao racionamento e diminuiu em 12% os preços do pão, cereais, macarrão e cerveja. Assim,

(...) enquanto o sistema soviético prova desta maneira que é vitorioso de todas as perturbações trazidas pela guerra graças à sua planificação científica, o que se vê no campo imperialista é uma grande crise cíclica já à vista nos Estados Unidos.³⁰

O imaginário do novo mundo onde viveria um homem feliz e realizado de forma alguma deve ser confundido com um "real" deformado ou como algo ilusório. É uma tentativa de atribuir sentido, dar organização, racionalidade e lógica

²⁸ Bronislaw Baczko. Op. cit., p. 344.

²⁹ Raoul Girardet. *Mitos e mitologias políticas*. SP, Companhia das Letras, 1987, pp. 183-192.

³⁰ *O Momento. Diário do Povo*. Salvador, 24 de dezembro de 1947, p. 3.

à própria existência. Para os comunistas brasileiros não era ilusório, quimérico ou irreal saber por meio de Cláudio Edmundo, engenheiro brasileiro que trabalhou na União Soviética no início dos anos 30, que o salário máximo naquele país era de 300 rublos. Mas, por ser engenheiro estrangeiro colaborando na construção do socialismo, ganhava um pouco mais, como afirma:

Eu ganho 400 rublos, isto é, 100 rublos mais que Stalin.³¹

Estas informações, preciosas, apontavam para um modelo de organização social justo, racional, fraterno e democrático, contribuía para ordenar o mundo em que desejavam viver, designavam identidades sociais e, mesmo, davam um sentido e um rumo às suas vidas.

O espaço sagrado e o Centro do Mundo

O fascínio, a reverência e a profunda admiração que os comunistas brasileiros devotavam à URSS, contudo, tinham raízes mais profundas. A busca de um modelo exemplar de sociedade e o desejo de racionalizar o mundo em que viviam, como vimos, respondiam a necessidades políticas e culturais dos militantes desde 1930. Mas a devoção verdadeiramente sacralizada à causa da União Soviética encobria antigos referenciais míticos, simbólicos e imaginários que sustentavam as idéias, os valores e as sensações daqueles que se definiam como revolucionários. João Falcão, ainda no início de sua militância, ficou perplexo ao conhecer a pequena Susi, filha de Carmem e Rodolfo Guioldi. A menina, alega Falcão,

tinha sido educada na União Soviética, durante o tempo em que o casal permanecera preso no Brasil. Ela representava para mim uma pequena divindade. Era uma jovem moldada na sociedade soviética e havia estudado na pátria do socialismo.³²

Não é a menina, em si mesma, que provocou o encantamento em Falcão, mas, sim, sua origem. Ela viveu e se formou em um espaço que, aos seus olhos, transcendia a qualquer outro: um espaço sagrado. Assim como o homem moderno, os comunistas eram livres para desprezar mitologias, teologias e hierofanias³³ formulando, desse modo, ideologias dessacralizadas e laicizadas. No entanto, não

³¹ Cláudio Edmundo. Op. cit., p. 81.

³² João Falcão. *O Partido Comunista que eu conheci; 20 anos de clandestinidade*, RJ, Civ. Bras., 1988, p. 171.

³³ Na definição de Mircea Eliade, hierofania é qualquer coisa que manifesta, que expressa o sagrado. Tudo aquilo que surge como sacralizado para os grupos humanos, tudo o que ultrapassa a condição “normal” das coisas, como certos homens, lugares, edificações, objetos, ritos, instituições etc., assume a condições de hierofania. Na concepção do *homo religiosus*, as coisas, em si mesmas, não são sagradas, mas exprimem e manifestam *algo* que ultrapassa a normalidade da própria matéria. Ao manifestar o sagrado, seja um lugar, um objeto ou uma instituição, eles se tornam *outra* coisa, apesar de continuarem a ser eles mesmos. As hierofanias se apresentam ao homem no momento em que alguma coisa deixou de ser comum, profana, e adquiriu uma nova dimensão, a da sacralidade. Veja Mircea Eliade. *Tratado de história das religiões*. SP, Martins Fontes, 1993.

deixaram de alimentar seu pensamento, individual e coletivo, com mitos, imagens e rituais das sociedades do passado. Sabemos, através de Mircea Eliade, que uma existência exclusivamente profana não se encontra em estado puro. Mesmo que se opte por uma vida destituída de religiosidade, jamais se consegue abolir totalmente um comportamento mediado pelas relações com o sagrado. Apesar do homem moderno reiterar sua dessacralização, o desejo difuso de viver em contato com o sagrado demonstra sua expectativa de situar-se numa realidade inteligível, de negar a subjetividade do ser e das coisas, de viver num mundo real e não numa ilusão. "A maioria dos 'sem religião'", diz o autor, "ainda se comporta religiosamente, se bem não esteja consciente deste facto."³⁴ É na distinção entre aquilo que é *sagrado* e aquilo que é *profano* que se manifesta a dimensão religiosa no homem, seja ele arcaico, antigo ou moderno.

Para este homem, portanto, o espaço geográfico não é homogêneo e linear. Sua percepção espacial inclui divisões, roturas e porções qualitativamente diferentes. É na oposição entre o espaço sagrado, o único que realmente existe, e o espaço profano, todo o resto tomado pelo caos e pela desordem, que ele encontra a orientação necessária para definir sua própria existência. O mesmo João Falcão, muitos anos depois, em 1955, ao chegar na URSS, lembra o momento em que entrou no território soviético:

(...) uma vez liberado o trem, logo entramos em solo russo, que eu contemplei com reverência e emoção. Estava realizando o meu sonho, acalentado durante 17 anos, de conhecer a Pátria do Socialismo, a pátria de Lênin e de Stalin, a sexta parte do globo terrestre, onde se realizava a maior experiência política e social do século e onde não existia mais a exploração do homem pelo homem.³⁵

Para os comunistas, a reverência ao território soviético advinha da crença de que aquele espaço era qualitativamente diferente, um "cosmos", porque fora fundado e, portanto, consagrado pelos ancestrais míticos, seja Lenin, Stalin ou o proletariado revolucionário russo. Revelado o espaço sagrado, percebida a não-homogeneidade geográfica, o militante, de maneira similar aos homens das sociedades tradicionais, entrava em contato com suas origens, em uma época ancestral, quando da "fundação do mundo": descobria o ponto fixo do universo e o eixo de sua própria orientação existencial. Assim, a percepção de que um determinado espaço era imbuído de sacralidade provinha da crença de que aquele mundo, o único que *realmente* existia, tinha sido fundado em um tempo primordial. Heitor Ferreira Lima, por exemplo, afirmava que a União Soviética era

o laboratório da mais profunda transformação social de nosso século, cuja finalidade histórica consistia em implantar sobre os escombros da mais retrógrada e decadente monarquia, regime até então considerado utópico, o de suprimir as classes e banir de vez a exploração do homem pelo homem.

³⁴ Mircea Eliade. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. Lisboa, Edições "Livros do Brasil", s/d, p. 211.

³⁵ João Falcão. Op. cit., p. 405.

(...) Constituía ela a primeira nação do mundo a fazer uma revolução visando servir de lição para a implantação do socialismo (...).³⁶

O espaço sagrado revelava uma realidade absoluta, a única existente, permitindo que o mundo fundado pelos ancestrais surgisse, para o militante, como o *nosso mundo*. A irrupção do sagrado no território soviético comprovava a ruptura e o desnivelamento espacial. Mais importante, demonstrava a necessidade de repetir o evento em outras regiões.

A revelação do espaço sagrado não tinha um valor apenas geográfico, mas, sobretudo, um valor existencial para homens como Heitor Ferreira Lima. Seu universo originou-se a partir de um eixo, de um núcleo, e nada se podia fazer ou realizar sem a orientação prévia deste ponto central. A hierofania do espaço sagrado revelava para ele um ponto fixo e um centro, o "Centro do Mundo".³⁷ Para homens como esses, o *verdadeiro* mundo constituía um cosmos perfeito, um lugar sagrado por excelência. Seu desejo, portanto, era o de viver o mais perto possível do Centro de seu mundo. Leôncio Basbaum, ao aproximar-se do lugar que deu origem ao seu universo, descreveu suas sensações da seguinte maneira:

(...) estávamos em Moscou. Afinal, a grande cidade, a capital do mundo comunista! A cidade com que sonhavam todos os comunistas do mundo, como os muçulmanos sonham com a Meca!³⁸

É próprio do homem religioso sentir-se atraído para o centro do mundo que lhe é familiar, seja seu país, sua cidade, sua igreja ou sua casa. Por este desejo, ele expressa a necessidade cultural de existir num mundo organizado e reconhecível. No caso particular dos militantes comunistas, tratava-se da vontade de se encontrarem com eles mesmos, de existirem em um "cosmo" que era deles, de estarem presentes no paraíso mítico construído pelo imaginário coletivo do grupo, de vivenciarem hierofanias e de se entenderem diretamente com os seres que moldaram e orientaram suas existências. O desequilíbrio emocional, via de regra, apoderava-se daqueles que atingiam o espaço sagrado soviético. Heitor Ferreira Lima conta-nos que, ao chegar na fronteira da Rússia Branca,

minha emoção era fortíssima, sentindo alvoreço incontido por dentro, porque estava penetrando num mundo novo e realizando a maior aspiração alimentada até aí. Creio que esta seria igualmente a de outros, em idêntica situação.³⁹

Em Moscou, ao visitar a Praça Vermelha, ou seja, o centro do Centro do Mundo,

³⁶ Heitor Ferreira Lima. *Caminhos percorridos*. Memórias de militância. SP, Brasiliense, 1982, pp. 72-73.

³⁷ Mircea Eliade. *O sagrado e o profano*. Op. cit., p. 36.

³⁸ Leôncio Basbaum. *Uma vida em seis tempos*. Memórias. SP, Alfa-Ômega, 1978, pp. 57-58.

³⁹ Heitor Ferreira Lima. Op. cit., pp. 72-73.

(...) vivi, então, momentos que nunca sonhara e jamais esquecerei, experimentando sensação perturbadora.

A cosmogonia soviética, resultado da Revolução e da construção do socialismo, tornava-se, assim, o arquétipo de todo gesto criador. Instalar-se em novas áreas, portanto, repetia a fundação do mundo, da mesma maneira como ocorreu no tempo primordial. Na percepção dos comunistas, o sucesso das chamadas democracias populares, no leste europeu, provinha do fato de elas reatualizarem a cosmogonia. Repetição, mas fruto da expansão do Centro do universo, os novos territórios eram consagrados, tornando-se, da mesma forma, espaços sagrados:

Nas condições atuais da democracia popular, paralelamente ao desenvolvimento da produção, e ao aumento do rendimento do trabalho, os salários não param de subir.⁴⁰

Os dados e as informações sobre os novos países socialistas eram sempre grandiosos e otimistas. Nos jornais, os números eram sempre aos milhares, como os da Pátria-Mãe:

Ao contrário do que acontece no mundo capitalista, publicou *Voz Operária*, nas democracias populares cresce a produção de paz e aumentam as necessidades de mão-de-obra. É que a capacidade aquisitiva da população se desenvolve progressivamente. Na Hungria, (...) as fábricas, usinas e indústrias de construção civil empregam cada mês, desde janeiro de 1949, cerca de 20.000 novos operários a mais.⁴¹

Para os comunistas, as imagens que delineavam as democracias populares eram desprovidas de qualquer historicidade. Na política internacional, omitiam-se os acordos firmados nas conferências de Yalta e Potsdam, onde Stalin, Churchill e Roosevelt estabeleceram o "reparto" de suas áreas de influência. Na questão política interna daqueles países, ignorava-se as discussões sobre os "caminhos" e as "vias" nacionais para o socialismo, bem como os programas de pluralismo econômico, com o convívio de empresas públicas com privadas, todos abortados pela intervenção soviética. A imposição do modelo stalinista, as prisões e os fuzilamentos dos líderes nacionais com veleidades autonomistas e a formação do monolítico "bloco socialista", justificados em nome da "validade universal do regime soviético", não eram mencionados.⁴² Em termos sociais, nenhum tipo de referência havia sobre as diferenças nacionais e as tradições seculares que se manifestavam por divisões culturais, lingüísticas e religiosas. O socialismo, naqueles países, teria resultado tão-somente da "libertação", pelo Exército

⁴⁰ *Imprensa Popular*. RJ, 13 de março de 1948, p. 3.

⁴¹ *Voz Operária*. RJ, 25 de fevereiro de 1950, p. 4.

⁴² Jaroslav Opat. "Do antifascismo aos 'socialismos reais': as democracias populares". In Eric Hobsbawm (org.). Op. cit., vol. 10.

Vermelho, de um território ainda inculto, reatualizando revoluções e repetindo a cosmogonia. Tornado sagrado, o território conquistado superava seu estado profano, com suas fragmentações sociais e heterogeneidade cultural, para incluir-se no único e verdadeiro modo de vida, assim como fora instituído pelos ancestrais no passado mítico. Resultado da expansão do Centro, as áreas "libertadas" também sofriam uma atração irresistível pelo ponto fixo do universo:

Os trabalhadores da Lituania sentem enorme atração pela cultura russa. Mais de meio milhão de lituanos estão estudando o idioma russo. É muito grande a procura de livros editados em russo. Em 1949, na Lituania vendeu-se mais de 2 milhões de livros políticos, científicos e literários, umas 40 mil revistas e milhões de jornais em idioma russo.⁴³

O movimento de sacralização de todo o mundo conhecido, portanto, era irresistível. Em *O Estado de Goyaz*, jornal de orientação comunista, o título de um artigo dizia que "as perspectivas são negras para a reação":

Na China os exércitos populares avançam vitoriosamente (...). Na Grécia os guerrilheiros do General Markos põem em chéque em Komitza as tropas monarcas e fascistas (...). São, pois, cada vez mais negras as perspectivas para todos os reacionários. Seu fim está cada vez mais próximo. Os povos de todo o mundo avançam irresistivelmente para a conquista de sua emancipação política e econômica.⁴⁴

Fundar o mundo, homogeneizar o espaço, consagrar os territórios, viver a realidade integral. Estas necessidades simbólicas dos militantes comunistas, como as dos antigos, revelam que eles só poderiam viver em um espaço sagrado, o único realmente a existir. Para os militantes brasileiros, que viviam em meio ao espaço profano, a angústia que manifestavam revelava o medo diante do caos, o temor do desconhecido e do não-ser absoluto. O desejo de viver em um território sagrado, de acordo com os princípios estabelecidos pelos ancestrais, explica a fé, praticamente inabalável, na expansão do Centro do Mundo, tragando os demônios, as pestes, os sofrimentos e devolvendo ao homem seu estado integral.

Mitos e utopias

A profunda idealização da vida social na União Soviética pelos comunistas escondia, sob o discurso legitimador da ciência, antigos mitos semi-esquecidos, hierofanias arcaicas e simbologias adormecidas. A dessacralização do homem moderno, particularmente a dos comunistas, desencantou as mitologias, obrigando-as a sobreviverem em zonas recônditas dos pensamentos individual e coletivo. Contudo, mesmo laicizados, os antigos mitos continuam a oferecer ao homem imagens, crenças e representações sociais. Este conjunto imaginário ainda proporciona a matéria-prima para que ele formule utopias, ou seja, um lugar

⁴³ *O Sol*. SP, 20 de agosto de 1950, p. 3.

⁴⁴ *O Estado de Goyaz*. Goiânia, junho de 1948, p. 3.

essencialmente diferente do mundo conhecido e que se perdeu em um passado mítico e longínquo, mas que pode ser resgatado e revivido. Para Mircea Eliade, a utopia é interpretada como um avatar da nostalgia das origens, o desejo profundo de encontrar a história primordial, o novo começo. O anseio de viver novamente a beatitude, a exaltação do começo e o impulso de recomeçar a história enquadram-se em uma nostalgia, a do Paraíso perdido. A utopia paradisíaca, segundo o autor, não trata necessariamente de um além espiritual imaginado, mas, freqüentemente, refere-se a uma realização no mundo terreno.⁴⁵ No Ocidente laicizado, a nostalgia do paraíso terrestre permaneceu fortemente enraizada, seja no mito do progresso infinito, seja nos mitos revolucionários:

Aguardávamos nossa chegada a Leningrado com ansiedade: íamos entrar", diz Leôncio Basbaum, "não apenas num novo país, mas em uma nova sociedade, no socialismo, no paraíso na terra, onde os ricos não tinham vez e os pobres não mais existiam, um país em que, graças a uma revolução, graças aos comunistas, aos "homens como nós", a miséria e a desigualdade tinham sido banidas.⁴⁶

As representações de uma sociedade perfeita e isenta de contradições não se referem a uma ficção, pois, na crença dos comunistas, ela estava ao alcance da humanidade. Sua realização era garantida e mesmo comprovada pela marcha dos acontecimentos, pelas "leis" da história ou, neste caso, pela própria existência da União Soviética como utopia viabilizada no presente. Para Baczko, as projeções que aludem a uma terra desprovida de mal, um espaço sonhado onde o homem viveria em inocência, desprovido de constrangimentos e guerras, usufruindo de abundância material e desconhecendo a miséria, constituem um arquétipo que se encontra em todas as épocas e em numerosas sociedades.⁴⁷ A crença fervorosa dos militantes comunistas na União Soviética, como o lugar da utopia realizada, provinha tanto de um convicto progressismo político quanto de antigos referenciais passadistas nostálgicos.

No imaginário mítico dos revolucionários, a URSS surgia como o Paraíso perdido que foi recuperado, como também sinalizava o resgate da pureza e da inocência do homem em suas origens. Em 1935, os militantes brasileiros liam que:

A força titanica do novo regimen social, que se consolida larga e amplamente na vida e desprende uma indissolvel doçura lírica e o amor ao homem, o creador do socialismo. O homem - esta palavra ressoa altivamente só na União Soviética (...). O humanismo do socialismo é o sol que aquece a vida (...). A U.R.S.S. leva ao mundo os princípios superiores da humanização, do humanitarismo socialista.⁴⁸

⁴⁵ Mircea Eliade. *Mito e realidade...* Op. cit., e *Imagens e símbolos*. Ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. SP, Martins Fontes, 1991.

⁴⁶ Leôncio Basbaum. Op. cit., p. 57.

⁴⁷ Bronislaw Baczko. Op. cit., p. 367.

⁴⁸ Citado in *A palavra de ordem da sociedade socialista*. S/local, Edições Sociaes, 1935., pp. 3-4. No ano seguinte e até 1938, a sociedade soviética seria sacudida pelo Grande Terror

As imagens que aludem à solidariedade, à felicidade e à compreensão coletivas, um verdadeiro humanismo, traduzem desejos e aspirações de uma época, passada ou futura, excepcionalmente grandiosa: a Idade do Ouro. Segundo Jacques Le Goff, a Idade do Ouro está presente em inúmeras sociedades, desde a Antigüidade aos dias atuais.⁴⁹ No limite entre o mito e a utopia, a Idade do Ouro fornece o sonho da alegria harmoniosa, da pureza e da perfeita inserção do homem em seu universo. Em síntese, um retorno ao primordial "estado de natureza".⁵⁰ Não é novidade, em várias épocas da história, a imagem do homem sem pecado, livre da escravidão cotidiana do trabalho e das necessidades materiais. É uma maneira de rechaçar as vicissitudes do "estado de cultura" para abrigar-se na reminiscência do "estado de natureza".⁵¹ A organização social presente é negada e repudiada pois, ao disseminar a ganância e o egoísmo, dissolve as relações sociais, degrada o indivíduo, corrompe a sociedade.

Quanto mais penetrávamos na extensão verde-cinzenta da União Soviética, diz o iugoslavo Milovan Djilas, mais me sentia dominar por uma nova emoção até então insuspeitada. Era como se eu estivesse voltando a uma **pátria primeva**, desconhecida mas minha. (...) À época, eu via nisso a realização da fraternidade universal (...) e encontrei meu **eu primevo**, cheio de impulsos até então desconhecidos.⁵² (grifos nossos)

Na oposição entre cultura e natureza, surge a lembrança mítica, e daí o desejo, da perfeita interação com a natureza, da plena compreensão entre os homens e da absoluta harmonia social. Tempo mítico projetado no passado e no futuro, a Idade do Ouro, diz Girardet, "o sonho na direção de um passado de luz, mais feliz e mais belo, tende quase sempre a cristalizar-se, a fixar-se em torno de dois valores essenciais: valor de inocência, de pureza, por um lado; valor de amizade, de solidariedade, de comunhão, por outro. É em função desses dois temas, na perspectiva dessa dupla busca ou dessa dupla nostalgia que toda mitologia da idade do ouro tende a firmar sua coerência".⁵³ Mirando o regime soviético, proclama-se no presente a idade mítica que se pensava estar perdida no passado.

Apesar de o pensamento comunista repudiar, com veemência, as antigas cosmogonias das sociedades tradicionais, o mito revolucionário, particularmente

stalinista, cujos números de vítimas, entre detidos, exilados e executados, são medidos na casa dos milhões de pessoas.

⁴⁹ Jacques Le Goff. "Escatologia". In *Enciclopédia Einaudi*. Memória-História, vol. 1. Op. cit., 1984, p. 311.

⁵⁰ Raoul Girardet. Op. cit., p. 106.

⁵¹ Raoul Girardet cita como exemplo os filósofos iluministas, como Diderot e Rousseau, que condenaram a "civilização" por macular o estado de inocência primordial do homem. Em diversas obras, diz Girardet, as mensagens são as mesmas: "Afastando-se cada vez mais do estado de natureza, o homem não apenas rompeu, de fato, um equilíbrio primordial com o mundo que o cerca, o contato límpido com a ordenação das paisagens, com os grandes ritmos da terra, com a sucessão das estações. Perdeu igualmente a livre faculdade de comunicação com os outros, a possibilidade de compreendê-los e de ser compreendido por eles". Op. cit., pp. 107-109.

⁵² Milovan Djilas. *Conversações com Stalin*. POA, Ed, Globo, 1964, pp. 14-15.

⁵³ Raoul Girardet. Op. cit., p. 105.

na sua versão bolchevista, é inseparável da idéia de um lugar radioso, farto na dimensão material e solidário na dimensão humana. Construída a partir de elementos da "síndrome paradisíaca" e das reminiscências da Idade do Ouro, a imaginação utópica comunista necessitava também de referências de um outro lugar, invertido, que correspondia a valores diferentes e distintos da Terra-sem-mal. Segundo Baczko, o material simbólico que fundamenta a utopia recorre a um modelo inverso para estabelecer algo conhecido como um esquema de Mundo-às-avessas. No imaginário comunista, este lugar, oposto ao verdadeiro mundo, padecia de todos os males:

O 'New York Post', commentando as consequencias da crise nos paizes capitalistas, publica o seguinte:

'As estatisticas officiaes fornecidas por 50 paizes mostram o seguinte movimento demographico: 2.400.000 pessoas morreram de inanição (fome) durante o anno de 1934 (...).

A União Soviética não está citada entre os 50 paizes a que se refere o jornal burguez.⁵⁴

Trabalhando com dicotomias, o esquema do Mundo-às-avessas era descrito pelos revolucionários brasileiros a partir de idéias-imagens que contrapunham justiça e injustiça, abundância e miséria, igualdade e desigualdade, comunhão de bens e propriedade privada, entre outras.⁵⁵ Em contraponto ao "cosmo" soviético, espaço sagrado que devolvia ao homem seu estado integral, surgia o "caos" ocidental, lugar privilegiado do Mundo-às-avessas, que representava um lugar irreconhecível, porque era desorganizado e carente de humanismo. Motivo de receios e temores, as aflições que dominavam o lugar oposto à utopia eram sistematicamente denunciadas pelos militantes comunistas. Em 1949, o jornal *Voz Operária* advertia que

os TRUSTS americanos querem a guerra para evitar os prejuizos da crise ciclica. Sua produção e seu comércio estão caindo e isto significa redução dos lucros. A guerra obriga o govêrno ianque a fazer grandes encomendas aos trustes que, assim, elevariam sua produção, seu comércio e seus lucros.⁵⁶

O mundo ocidental, particularmente os Estados Unidos da América, era sistematicamente descrito pela imprensa partidária como uma região estranha, desordenada e caótica. A indústria não se interessava em criar empregos, mas produzir armas e artefatos de destruição; irracional, o sistema econômico sustentava-se por meio de guerras e pelo avanço imperialista em países indefesos; o comércio, em vez de atender à função básica de racionalizar o consumo, vendia bugigangas a qualquer preço; por fim, os governantes em conluio com as empresas monopolistas subjogavam, com falsas ilusões, seus próprios cidadãos. O resultado

⁵⁴ *A Classe Operária*. RJ, 19 de outubro de 1935, p. 2.

⁵⁵ Bronislaw Baczko. Op. cit., p. 389.

⁵⁶ *Voz Operária*. RJ, 30 de julho de 1949, p. 9.

de tamanha anomalia, declarava um militante com o apoio nas pesquisas de um suposto cientista, era a existência de um louco para cada dezesseis habitantes dos Estados Unidos. Iludidos com uma falsa prosperidade, submetidos ao duro choque da crise de 1929, bombardeados pelos seguidos modismos inventados por Hollywood, os norte-americanos, despreparados psicologicamente, não resistiram a tantas manipulações. Após a II Guerra, continua a análise, os magnatas de Wall Street prometeram uma vida de trabalho, prosperidade e tranqüilidade. Entretanto, com a eclosão da Guerra Fria, submetem agora o povo a uma tremenda propaganda através da imprensa, das rádios e dos cinemas, mobilizando e tensionando psicologicamente as pessoas para uma nova aventura guerreira e imperialista. "O resultado", conclui o militante, "aí está: êsse povo outrora sadio é hoje um povo com o espantoso número de oito milhões de doentes mentais".⁵⁷

Resgatando mitos de antigas sociedades, a sensibilidade comunista projetava a oposição entre o seu território, o "cosmo", o *nosso mundo*, que incluía a União Soviética e as democracias populares, lugar da racionalidade, e um espaço desconhecido e indeterminado, algo que não era um "cosmo", que ainda não era "mundo", lugar da irracionalidade, do caos, governado por demônios e povoado por loucos e débeis mentais.

Imaginação utópica fundamentada na "síndrome paradisíaca", no mito da Idade do Ouro e no esquema do Mundo-às-avessas, a utopia soviética era vivida como realidade social organizada nas mentes dos revolucionários. Modelo exemplar mas não fantasioso pois, como afirma Baczko, "não é preciso, efectivamente, explorar a alteridade social para imaginar um mundo onde as guerras se sucedem sem cessar, onde se morre de fome e de miséria e (...) onde os mecanismos da vida colectiva escapam a qualquer controlo...". As utopias, particularmente aquelas que aludem ao paraíso na Terra, não prometem a imortalidade, mas tão-somente o reconhecimento de uma sociedade diferente, melhor e onde "não se morre cada vez mais jovem devido a condições de vida cada vez mais miseráveis".⁵⁸

O conjunto de idéias, crenças e representações sociais com o qual os comunistas descreviam a vida social na União Soviética pode ser incluído naquilo que os antropólogos e os historiadores das religiões chamam de nostalgia do Paraíso. É a vontade de se encontrar no Centro do Mundo e de que sua morada seja como a dos ancestrais míticos; o desejo de retornar às origens e ao "estado de natureza"; a tentativa, enfim, de superar a condição profana e reencontrar-se em um "cosmo". Para Mircea Eliade, "um cristão diria: a condição anterior à queda".⁵⁹ Neste trabalho, um comunista diria: a condição posterior à pré-história.

História e tragédia

Como resultado do trabalho infatigável do camarada Stálin, de acôrdo com os planos por êle elaborados, o nosso Partido transformou um país atrasado

⁵⁷ *A Luta. Unidade e Disciplina*. Manaus, 13 de dezembro de 1947, p. 7.

⁵⁸ Bronislaw Baczko. Op. cit., p. 389.

⁵⁹ Mircea Eliade. *Imagens e símbolos...* Op. cit., p. 5.

numa potência industrial e colcosiana, criou um novo regime econômico que não conhece crises nem desempregos.⁶⁰

Malenkov, ao discursar nos funerais de Stalin, em 1953, reproduzia a ideologia oficial do PCUS, mas também reafirmava o imaginário social soviético. Entre os bolchevistas, particularmente na época de Stálin, o imaginário que se firmou como predominante conjugava a ortodoxia e o mito: a primeira descrevia as sociedades e interpretava a História de uma certa maneira, como também impunha sanções àqueles que ousassem pensar a partir de outros parâmetros; o segundo aludia ao conjunto de transformações econômicas e sociais qualificado genericamente de "construção do socialismo", um processo visível no cotidiano da população e, por isso mesmo, difícil de ser contestado. Ortodoxia e mito, assim, sustentavam o imaginário soviético, particularmente no seu aspecto mais original: uma sociedade isenta de contradições e, portanto, utópica.

Em toda a sua trajetória, as imagens e construções intelectuais elaboradas pelos bolchevistas estiveram associadas às representações utópicas. Em *O Estado e a Revolução*, escrito às vésperas da insurreição de outubro, Lenin tentou demonstrar "cientificamente" o desaparecimento do Estado e de todo o aparato repressivo logo após a tomada do poder. Em 1922, ao anunciar a Nova Política Econômica, Lenin, para tranquilizar ao partido e a ele mesmo, buscou referências na *Utopia* de Thomas Morus. Stalin, em 1936, ao encerrar o processo de coletivização do campo, afirmou que o socialismo já estava construído e que a passagem para o comunismo tornava-se questão urgente. Em 1952, num país em penúria e com a agricultura arrasada, o mesmo Stalin escreveu, em *Problemas econômicos do socialismo na U.R.S.S.*, sobre os meios de transição da União Soviética ao comunismo, em que uma das primeiras medidas seria a gratuidade do pão. Com Kruschev, as coisas passaram a ser mais triviais. Não se tratava mais de liquidar o Estado, mas de possibilitar o acesso da população aos bens de consumo, à maneira ocidental. Não se omitiu, entretanto, fixar uma data para a passagem ao comunismo, processo que ocorreria em 1980. Brejnev, por sua vez, qualificou a sociedade soviética de "estágio de sociedade socialista evoluída", etapa intermediária entre o socialismo e o comunismo. Segundo suas idéias, nenhuma data foi estabelecida para a passagem ao comunismo, mas, em algum lugar do futuro, ela seria inevitável. As imagens utópicas, portanto, são inerentes à tradição bolchevista. Não por acaso, logo após a Revolução de 1917, pensou-se em edificar uma estátua de Thomas Morus em Moscou.⁶¹ Fator de opressão e de cerceamento

⁶⁰ Arquivo Nacional. MJ/Segurança Nacional. Panfleto "A glória imortal de STALIN permanecerá sempre viva nos corações dos povos do mundo inteiro".

⁶¹ Bronislaw Backo. Op. cit., pp. 386-387. Ainda segundo o autor, encontra-se em toda a tradição marxista, a começar por Marx e Engels, uma notável relação de continuidade e ruptura com as utopias. O socialismo, garantiu Engels, deixou de ser um pressentimento, um desejo, uma utopia, para transformar-se em um *saber*, em uma ciência. Assim, avalia Baczkó, "havia vários socialismos utópicos, mas apenas pode existir um socialismo científico". No entanto, ao assumir o estatuto de ciência, o marxismo ao mesmo tempo se apresentou como herdeiro legítimo de todas as esperanças de revolta dos povos do passado. Mais ainda, as representações da sociedade do futuro e do novo homem comunista tornaram-se um poderoso sonho mobilizador. O

individual e coletivo, sem dúvida, o imaginário utópico soviético implicava também em mobilização das expectativas e na geração de esperanças.

As imagens grandiosas da superioridade do regime soviético e dos sucessos da construção do socialismo não podem ser reduzidas à mera propaganda institucional. Segundo Hobsbawm, durante os anos 30 a economia soviética cresceu mais rapidamente que a de todos os outros países, com exceção do Japão. De 1945 a 1960, os índices de industrialização do "bloco socialista" foram maiores que os do Ocidente. Krushev acreditava, com sinceridade, que, em futuro próximo, a economia socialista ultrapassaria a produção das nações capitalistas.⁶² É bem verdade, porém, que o modelo soviético foi incapaz de inovar. No período da industrialização, a limusine ZIS-ZIL era, de fato, um Buick norte-americano; os tratores de Stalingrado eram cópias de um Caterpillar; os automóveis produzidos em Górkki eram réplicas de um Ford.⁶³ Programadas para produzir em quantidade, as fábricas soviéticas eram inoperantes quando se tratava de qualidade. A produção de bens de consumo popular era inútil, o setor de distribuição ruim e o de serviços praticamente inexistente.

O modelo de desenvolvimento soviético foi concebido para industrializar o país, sobretudo em bens de capital, e oferecer à população um padrão social mínimo, se comparado aos da Europa Ocidental. No entanto, avalia Hobsbawm, como modelo de industrialização e desenvolvimento econômico foi um sucesso para um país pobre e agrícola como a Rússia - mesmo que ineficiente. "O comunismo de base soviética", diz o autor, "tornou-se basicamente um programa para transformar países atrasados em avançados". Para muitos países pobres e sem capitais privados, particularmente após a II Guerra, o planejamento econômico estatal centralizado surgiu como instrumento atraente e eficiente para industrializar e desenvolver. Mesmo que tais governantes rejeitassem o socialismo, a receita soviética parecia convincente e eficaz.⁶⁴

Entre os soviéticos, a industrialização acelerada, a mecanização do campo, os milhões de oportunidades na forma de empregos oferecidos aos trabalhadores, o aumento da qualidade de vida traduzida nos índices de saúde e educação e os novos valores sociais estimulados pelo Estado sustentaram o mito da "construção do socialismo" e o reconhecimento popular à liderança política de Stalin. Estas representações tiveram bases reais e se manifestaram pelo apoio da população soviética ao regime e pelo entusiasmo de milhões de comunistas em diversos países. As dificuldades com o abastecimento, a falta de bens de consumo e a qualidade sofrível das mercadorias eram questão de tempo, obstáculos inevitáveis no caminho para o socialismo, alegava-se; o terror policial e as perseguições políticas tinham por objetivo tão-somente desmascarar e aniquilar os inimigos do povo e do socialismo, imaginava-se; até mesmo o sistema *gulag*, sigla que traduz

dinamismo das imagens de fartura material e de solidariedade humana que tanto marcaram o imaginário das coletividades, diz o autor, vem da "grande promessa revolucionária que o marxismo fez sua, tendo-se deste modo operado essa fusão entre a utopia e o mito revolucionário (...)". pp. 349-351.

⁶² Eric Hobsbawm. *A era dos extremos...* Op. cit., pp. 367-368.

⁶³ Martin Malia. Op. cit., p. 258.

⁶⁴ Eric Hobsbawm. Op. cit., p. 367.

"administração estatal dos campos", verdadeiros campos de concentração onde milhões de seres humanos foram reduzidos à condição de escravos, tinha explicações convincentes: a abolição das classes, explicava Stalin, exigia a intensificação da luta entre as próprias classes.

O mito, portanto, narrava episódios que, em certa medida, aconteceram dentro das fronteiras do país e tinha suportes materiais e simbólicos no cotidiano da população. As projeções que apontavam para a utopia, ou seja, a construção integral do socialismo, exigiam imensos sacrifícios dos trabalhadores. Não se tratava, porém, de formar sujeitos críticos e conscientes de sua obra, mas, sim, de disseminar o conformismo e a vulgaridade intelectual. A luta por uma nova sociedade, mais rica e mais justa, diz Fernando Claudin, despertou ilusões, incendiou a fé e mobilizou as pessoas. No momento em que a população, estafada pelo trabalho e exaurida pelas dificuldades, poderia questionar tantos sacrifícios exigidos, Hitler invadiu o território soviético e reavivou as expectativas do mito que prometera um mundo melhor.⁶⁵

Em outros países, entretanto, milhões de pessoas que se definiam como comunistas, ou apenas simpatizantes do regime de Stalin, liam e entendiam o mito da utopia soviética de acordo com as suas necessidades políticas, culturais e religiosas.

Moscou era uma cidade que eu acreditava não existir na realidade, diz Maria Prestes. Minha infância e adolescência de militante do Partido Comunista foi cercada de lendas e mistérios a respeito da capital soviética. O Kremlin, a Praça Vermelha, o Mausoléu de Lenin, o foguete de Yuri Gagarin eram símbolos tão sagrados que ao vê-los pessoalmente me senti num conto de fadas.⁶⁶

As imagens e representações que descreviam o país dos soviets eram *apropriadas*, no sentido dado por Roger Chartier, de uma maneira peculiar pelos militantes comunistas. "A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares", diz o autor.⁶⁷ Na percepção dos revolucionários brasileiros, que viviam em um país economicamente pobre e dependente, socialmente miserável e injusto, e politicamente autoritário e excludente, a União Soviética, sem dúvida, construía um novo mundo, o *nosso mundo*, o único que verdadeiramente existia.

Aos olhos dos militantes tudo era passível de explicações convincentes e coerentes. Leôncio Basbaum, ao desembarcar pela primeira vez no porto de Leningrado, em 1927, logo ficou desanimado diante da desorganização e da confusão de tantos barcos e navios. Paulo, seu amigo, ouvindo pessoas próximas rindo, disse-lhe, consolando-o:

⁶⁵ Fernando Claudin. Op. cit., p. 59.

⁶⁶ Maria Prestes. *Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*. RJ, Rocco, 1993, p. 18.

⁶⁷ Roger Chartier. *A história cultural. Entre práticas e representações sociais*. Lisboa, Difel, 1990, pp. 136-137.

Veja como estão rindo. Essa risada não pode ser de assassinos nem de vítimas. É a risada de quem está alegre e contente com a vida!⁶⁸

Resultado de conceitos anteriormente formulados e assimilados como verdadeiros em seu país de origem, o olhar do militante na URSS era complacente e compreensivo. A atitude, necessária, traduzia um esforço para comprovar suas crenças e satisfazer suas necessidades culturais e simbólicas. Ainda em Leningrado, Basbaum observou que as lojas eram pobres e com vitrinas vazias, enquanto os armazéns tinham filas para tudo, a exemplo do pão, alimentos e roupas. Contudo, alegou,

essa impressão se desfez quando comecei a convencer a mim mesmo que, afinal de contas, a Revolução tinha apenas dez anos (...).

Em Moscou, novamente as imagens que penetravam em seus olhos eram filtradas por um conjunto de valores materiais e simbólicos:

No Brasil havia edifícios mais altos e belos, pensava eu, amargurado. Mas tinha de ser assim mesmo, pois mal estavam começando. E isso me consolava.

Em determinadas ocasiões, o militante, em visita à União Soviética, podia desiludir-se ao presenciar uma realidade social que contradizia suas crenças. No entanto, a atitude crítica não resultava de uma operação mental racionalizada e distanciada, mas, antes, dependia da fragilidade dessas mesmas crenças. É o caso de João Falcão que, ao regressar ao Brasil após visitar a URSS, reavaliou, com certa mágoa, o regime soviético. Dúvidas e indagações, confessa, invadiram seus pensamentos:

O primeiro tabu a cair por terra foi o do “paraíso soviético”: ele simplesmente não existia.⁶⁹

Apesar da organização social mais justa e menos desigual do que no mundo capitalista, o preço pago pela população, segundo o militante, era alto: desigualdades salariais, precariedade das habitações, pobreza do campesinato, gastos excessivos em armamentos, burocracia sufocante, repressão policial, autoritarismo político, discriminação dos judeus etc. Entre suas dúvidas, uma o atordoava em particular: a questão dos direitos individuais.

Tanto quanto eu pude observar, a liberdade nesse país estava longe de corresponder à pregação comunista e à nossa formação política (...). Em várias oportunidades eu pude constatar, pessoalmente, essa falta de liberdade.

⁶⁸ Leôncio Basbaum. Op. cit., pp. 57-58.

⁶⁹ João Falcão. Op. cit., pp. 443-444.

João Falcão *constatou* em 1955 porque sua sensibilidade política, naquele momento, assim permitiu. Após 20 anos de duros sacrifícios pelo PCB na clandestinidade, sentindo o autoritarismo dos dirigentes comunistas brasileiros, tensionado pelo esforço massacrante das tarefas e sem direito a uma vida privada, Falcão, ao longo do tempo, desiludiu-se com o partido. Tais vivências desencantaram as aspirações pelas quais Falcão se dedicou a vida inteira e permitiram que ele desmistificasse o modelo soviético. Ao visitar aquele país, seu olhar tornou-se menos apaixonado, assim como seus próprios ideais. Ao entrar na União Soviética, portanto, a maneira de olhar as coisas e os homens dependia das crenças dos militantes: ainda sólidas, no caso de Basbaum; abaladas, no caso de Falcão.

Desgastada simbolicamente desde o início dos anos 60, a utopia soviética extinguiu-se com o próprio fim da URSS em fins dos anos 80. Para muitos comunistas, a desagregação do Estado soviético repercutiu com grande surpresa, com verdadeiro assombro. Hércules Corrêa, por exemplo, manifesta seus sentimentos da seguinte maneira:

Ver o fim da União Soviética doeu em mim, como se de repente fosse demolida uma casa que suei um bocado para erguer, tijolo por cima de tijolo.⁷⁰

Para expressar melhor sua emoção, acrescenta:

Entendam, não digo defender aquilo, o que era, com todo o seu autoritarismo e a deturpação que a URSS representava diante do ideal democrático do socialismo, mas manter a esperança de um futuro melhor para toda a humanidade.

A URSS, agindo como a maior utopia política que a história já registrou, segundo Norberto Bobbio, fascinou poetas e escritores, abalou as esperanças dos pobres, impeliu homens a ações violentas e permitiu que outros, com elevado senso moral, por ela, enfrentassem torturas, prisões e exílios. Mesmo com a consolidação das liberdades democráticas no mundo moderno, alega o autor,

os pobres e desvalidos continuam condenados a viver em um mundo de terríveis injustiças, esmagados por magnatas econômicos inatingíveis e ao que parece imutáveis, dos quais sempre dependem as autoridades políticas, mesmo que formalmente democráticas. Em um mundo assim, julgar que a esperança da revolução desgastou-se, e acabou exatamente porque a utopia comunista fracassou, é sinônimo de fechar os olhos para não ver.⁷¹

⁷⁰ Hércules Corrêa. *Memórias de um stalinista*. RJ, Ópera Nostra, 1994, pp. 2-3.

⁷¹ Norberto Bobbio. "O reverso da utopia". In Robin Blackburn (org.). *Op. cit.*, pp. 17-19.